



PESQUISANDO SOBRE PESQUISAS: o paradigma da decolonialidade no campo das Artes da Cena (2011-2021)

VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA

Artista e Pesquisador das Artes da Cena. Professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba e do Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes/UFPB). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPGPC/UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGArC/UFRN). Atualmente é Bolsista de Pós-Doutorado na linha Cultura e Arte, do Programa Eixos Temáticos, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. (IEA/USP).

SÁVIO FARIAS

Artista e Pesquisador das Artes da Cena. Professor Substituto do Departamento de Teatro do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutorando e Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA); Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança (PPGDan-UFBA); Licenciado e Bacharel em Teatro (UFPB).

RESUMO

Este artigo busca compartilhar apontamentos sobre a existência de uma possível expansão do debate decolonial no campo das Artes da Cena no Brasil. Nosso interesse é verificar a variação de frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade passou a ser utilizado para elaborar críticas aos efeitos do colonialismo. O objetivo é realizar uma breve análise dos textos publicados nos Anais de Congressos e Reuniões Científicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), no período estabelecido entre 2011 e 2021, buscando identificar a ocorrência de uma suposta expansão do uso do paradigma da decolonialidade nas pesquisas desenvolvidas no contexto da cena. Parte-se da seguinte questão: “Em que medida o paradigma da decolonialidade tem se estabelecido como perspectiva crítica às opressões sistêmicas no panorama das Artes da Cena?”. Pressupõe-se que o expressivo recrudescimento das práticas de pesquisa, orientadas pelo paradigma da decolonialidade na área das Artes, revela um esforço que visa à redução das desigualdades na produção do conhecimento inovador e a circulação de referências não hegemônicas na área de Artes.

PALAVRAS-CHAVE:

Decolonialidade. Artes da Cena. Pesquisa. ABRACE.

RESEARCHING ON RESEARCH: the decoloniality paradigm in the field of Performing Arts (2011-2021)

ABSTRACT

This article seeks to share notes on the existence of a possible expansion of the decolonial debate in the field of Performing Arts in Brazil. Our interest is to verify the variation of frequency from which the decoloniality paradigm started to be used to elaborate critiques to the effects of colonialism. The aim is to make a brief analysis of the texts published in the Annals of Congresses and Scientific Meetings of the Brazilian Association of Research and Post-Graduation in Performing Arts (ABRACE), in the period established between 2011 and 2021, seeking to identify the occurrence of a supposed expansion of the use of the decoloniality paradigm in the researches developed in the context of the scene. We start from the following question: “To what extent has the paradigm of decoloniality been established as a critical perspective to systemic oppressions in the Performing Arts panorama?”. It is presupposed that the expressive increase of research practices, guided by the paradigm of decoloniality in the area of Arts, reveals an effort that aims at the reduction of inequalities in the production of innovative knowledge and the circulation of non-hegemonic references in the area of Arts.

KEYWORDS:

Decoloniality. Performing Arts. Research. ABRACE.



INTRODUÇÃO

Esse artigo busca compartilhar apontamentos sobre a existência de uma possível expansão do debate decolonial no campo das Artes da Cena no Brasil. Acreditamos que, nos últimos anos, a perspectiva da decolonialidade tem orientado pressupostos críticos sobre os efeitos da situação colonial nas sociedades ocidentais e, por isso, nos perguntamos em que medida o paradigma da decolonialidade tem se estabelecido como perspectiva teórica no panorama das Artes da Cena.

Nosso interesse é verificar a variação de frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade passou a ser utilizado para elaborar críticas aos efeitos do colonialismo e, por conseguinte, às opressões sistêmicas no panorama das Artes. Para tanto, elaboramos o levantamento e a análise dos textos publicados nos Anais de Congressos e Reuniões Científicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), no período estabelecido entre 2011 e 2021, buscando identificar a ocorrência de uma suposta expansão do uso do paradigma da decolonialidade nas pesquisas desenvolvidas no contexto da cena.

Nossa análise se limita, portanto, aos artigos publicados nos Anais de Congressos e Reuniões Científicas da ABRACE no interstício de uma década (2011-2021). A escolha dos Anais da ABRACE, como foco e abrangência da pesquisa, se deu pelo seu alcance de caráter nacional, pela continuidade do número de publicações a cada ano (embora reconheçamos que nem todos os números dos Anais se encontram disponíveis) e pela relação dos temas com diferentes linguagens e saberes da cena.

Após a definição dos Anais da ABRACE como fonte da coleta de dados, realizamos o levantamento de todos os textos publicados, buscando identificar aqueles referentes aos debates decoloniais. Essa identificação se deu através da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de um total de 2.100 artigos, dentre os quais selecionamos, inicialmente, 125 textos vinculados ao interesse da nossa pesquisa.

Após a leitura e a construção de mapas mentais dos textos selecionados, compreendemos a urgência de identificarmos aqueles artigos posicionados não apenas a favor do projeto decolonial,



mas a partir de seus pressupostos teóricos. Dessa maneira, dentre os 125 textos inicialmente selecionados, estabelecemos um recorte sobre aqueles construídos por meio de uma articulação com o paradigma da decolonialidade como perspectiva discursiva. Destacamos 51 artigos vinculados explicitamente ao debate decolonial no campo das Artes da Cena, interessando-nos na identificação do número de artigos produzidos a cada ano sobre o tema, na verificação das pessoas responsáveis pela autoria dos textos, na constatação dos Grupos de Trabalho nos quais a publicação dos artigos vinculados aos debates decoloniais se fazia mais expressiva, dentre outros apontamentos.

Por esse caminho, procuramos criar uma perspectiva descritivo-interpretativa sobre uma possível expansão do debate decolonial no campo das Artes da Cena nos últimos anos em nosso país e, conseqüentemente, colaborar na compreensão dos contextos a partir dos quais os pesquisadores e as pesquisadoras da cena passaram a produzir debates expressivos no combate às opressões sistêmicas por meio do projeto decolonial. Esse ponto é, portanto, fundamental para entendermos que um suposto recrudescimento das práticas de pesquisa, orientadas pelo paradigma da decolonialidade no panorama das Artes da Cena, pode revelar o fortalecimento de um projeto coletivo que visa à redução das desigualdades na produção do conhecimento inovador, ao fortalecimento de políticas educacionais críticas à supremacia dos saberes historicamente determinados e à circulação de referências não hegemônicas na área de Artes.

Por isso, organizamos o texto como uma provocação epistemológica e, ao mesmo tempo, como uma estratégia política com a pretensão de garantir visibilidade e fortalecer os sentidos implicados na elaboração da pesquisa crítica nas Artes Cênicas por meio de um recorte decolonial. Inicialmente, compartilhamos considerações sobre os sentidos que vêm sendo atribuídos às categorias colonialidade e decolonialidade; em seguida, verificamos a variação de frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade tem sido utilizado nos artigos publicados nos Anais da ABRACE [2011-2021] e, por último, elaboramos nossas considerações finais.



PERSPECTIVAS DECOLONIAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme Mignolo (2017), a colonialidade é um conceito chave para pensarmos as relações entre exploração colonial e modernidade. Introduzida pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980, no panorama dos debates das Ciências Sociais, a ideia de colonialidade expressa a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada. De acordo com Mignolo (2017):

O conceito [...] não pretende ser um conceito totalitário, mas um conceito que especifica um projeto particular: o da ideia da modernidade e do seu lado constitutivo [...] a colonialidade, que surgiu com a história das invasões europeias de Abya Yala, Tawantinsuyu e Anahuac, com a formação das Américas e do Caribe e o tráfico maciço de africanos escravizados.
(MIGNOLO, 2017: p. 02)

Para Quijano (2010), a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial colonial-capitalista que se sustenta em classificações étnico-raciais e em classificações de gênero para o estabelecimento e a manutenção de relações de poder derivadas da estrutura patriarcal moderna. Essas relações de poder se estabelecem por meio de operações substantivas que, de acordo com Mignolo (2017), podem ser verificadas nas formas de produzir conhecimento, nas medidas de controle da economia e da autoridade, nas regulações de gênero e da sexualidade e nas deformações imagéticas e criativas das subjetividades.

O modelo de racionalidade e a ideia de civilização de caráter eurocêntricos constituíram-se, então, em emblemas da modernidade, formalizando cosmovisões e representações culturais



do mundo cujas atribuições se encontravam relacionadas com as necessidades da ordem social capitalista, a saber, dominação e exploração. Conforme Quijano (2010) e Maldonado-Torres (2020), consolidou-se, então, a ideia de que os europeus expressavam o nível mais avançado no caminho linear, unidirecional e contínuo da espécie humana e, por conseguinte, difundiu-se uma espécie de estratificação da humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos.

Nesse contexto, segundo Bernardino-Costa *et al.* (2020), o racismo tornou-se princípio constitutivo da modernidade, a ponto de estabelecer uma linha divisória entre aqueles que têm o direito de viver e aqueles que não o têm. Para Quijano (2010), o racismo converte-se no mais específico dos elementos do padrão mundial do poder capitalista eurocentrado e colonial/moderno e invade cada uma das áreas da existência social do capitalismo. O racismo determina a classificação social do mundo por meio da ideia da raça branca como dominante; as articulações políticas e geoculturais naturalizando o controle eurocentrado dos territórios e dos recursos de produção da natureza; a distribuição mundial do trabalho a partir da qual as classes sociais foram diferenciadamente distribuídas entre a população do planeta com base nos mecanismos históricos da exploração colonial; nas relações de gênero por meio da valorização dos padrões formal-ideais de comportamento sexual europeus e a desintegração de experiências e unidades de parentesco de pessoas não brancas; nas relações culturais e intersubjetivas pelo despojamento dos saberes intelectuais e estéticos e pela imposição da hegemonia do modo eurocêntrico de produção de conhecimento; e, por fim, na dominação da corporeidade implicada nos trabalhos, nos castigos, nas torturas, nos massacres, nas mortes, nas lutas contra os exploradores.

O racismo é, portanto, estruturado e vivido como norma nas sociedades ocidentalizadas pelo mecanismo brutal da colonização. Por isso, conforme Maldonado-Torres (2020, p. 36), a “colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais”, donde podemos depreender que o conceito de colonialidade representa a continuidade da exploração colonial, por meio da invasão do imaginário do outro, ou seja, da sua ocidentalização. Nesse contexto, a colonialidade é percebida como uma força que se mantém ativa, mesmo com a emancipação política e jurídica dos territórios colonizados, constituindo-se não só como um arranjo cognitivo exclusivo dos europeus, mas também das subjetividades historicamente colonizadas e educadas sob a sua hegemonia.



Vale ressaltar, entretanto, que toda expressão da colonialidade no mundo evoca um avesso crítico, criativo e político cuja principal orientação é romper a imposição de normas e imperativos coloniais. O avesso da colonialidade é o que designamos decolonialidade: uma postura de superação dos arcaísmos da modernidade, uma espécie de giro antirracista que representa mais que um conceito; afinal, para Maldonado-Torres (2020), a decolonialidade é uma atitude que se refere à orientação dos indivíduos em relação ao ser, ao saber e ao poder e significa um comprometimento crítico contrário e combativo à colonialidade.

A decolonialidade expressa mais do que uma emancipação jurídica e política; a decolonialidade é a emancipação dos imaginários, a restauração das possibilidades de ser, saber e produzir por meio de formas expressivas silenciadas e invisibilizadas. Dessa maneira, ao reconhecermos que o fim do colonialismo não significou a supressão das relações desiguais de poder originadas na situação de exploração colonial, mas a ressignificação das assimetrias estruturais pelo capitalismo e pela colonialidade global, percebemos que:

[...] devemos viver uma segunda descolonização, que complete a primeira, e que estenda a emancipação para um nível mais amplo que o meramente jurídico-político, incluindo a economia, a ciência, a igualdade racial e de gênero, a educação e a criação de novas formas de sociabilidade e de interação com as pessoas, as culturas e a natureza. É a esta segunda descolonização que se refere o conceito de decolonialidade (MOTA NETO, 2016, p. 63).

Reconhecemos o projeto decolonial como uma herança ancestral, porquanto desde as iniciativas de salvaguardar a memória, apesar dos giros forçados em árvores do esquecimento, desde a primeira recusa indígena a se prostrar de joelhos e cantar hinos de louvor, desde as primeiras resistências em forma de dança, desde as primeiras organizações quilombolas, motins e revoltas, podemos perceber uma intenção decolonial. Conforme Oliveira (2022), cada movimento de ancestralidade, cada gesto de reivindicação, cada nota de luta anticolonial rememora uma saudação histórica ao que se tem chamado de decolonialidade.

Diante do exposto, identificamos o projeto decolonial como uma ação de resistência, uma prática ativista, um modo criativo de posição crítica que problematiza e provoca mudanças radicais em busca da dissolução das distintas formas de opressão perpetradas pela colonialidade. Por isso,



de acordo com Mota Neto (2016), a decolonialidade é anticolonial, não eurocêntrica, antirracista, antipatriarcal, anticapitalista, em seus devidos desdobramentos, e assume um enfrentamento crítico contra toda e qualquer forma de exclusão cuja procedência seja a exploração colonial.

A decolonialidade é a perspectiva que mira a transgressão dos limites da colonialidade [...]. Ações decoloniais miram a desestabilização dos padrões mundiais de poder herdados pelo colonialismo e operados até os dias de hoje. A perspectiva decolonial não é meramente um processo de descolonização [...], a decolonialidade emerge não somente como um empreendimento político e epistemológico comprometido com as transformações radicais e a transgressão dos limites mantenedores do poder da modernidade, mas também como um empreendimento que insere a América Latina de forma mais contundente no debate pós-colonial (RUFINO, 2020, p. 117).

Neste contexto, ao buscarmos identificar práticas de pesquisa, desenvolvidas no campo das Artes da Cena, combativas às desigualdades sistêmicas, baseadas em perspectivas engajadas e críticas, desejamos destacar um conjunto de ações e de estudos orientados, em princípio, para a transgressão da normatividade dos saberes e para o modo por meio do qual a pesquisa em Artes no Brasil tem participado do debate decolonial. Afinal, conforme nos ensino Mombaça (2020), valorizar outros modos de existir é parte importante do trabalho necessário à desarticulação de certos modos institucionalizados de esvaziamento e despotencialização do verbo “descolonizar”.

Acreditamos que a produção de práticas de pesquisa decoloniais pode representar um projeto combativo às injustiças sociais e cognitivas, fomentando estratégias e formas de pensar-fazer construídas na afirmação da humanização e da existência através de sistemas civilizatórios contra-hegemônicos, isto é, estruturando conhecimento inovador por meio de saberes que conduzam a novos paradigmas no que diz respeito à promoção da sustentabilidade da vida e às estratégias de combate ao racismo, ao sexismo e às desigualdades.



UM OLHAR PARA A ATITUDE DECOLONIAL NO CAMPO DAS ARTES DA CENA

Diante do exposto, percebemos que a verificação da variação de frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade passou a ser utilizado nas pesquisas publicadas nos Anais de Congressos e Reuniões Científicas da ABRACE no interstício de uma década (2011-2021), apresentando um amplo impacto social, já que a identificação das investigações de caráter decolonial, que vêm sendo desenvolvidas no contexto das graduações e pós-graduações do campo das Artes da Cena, encontra-se relacionada ao fortalecimento de políticas que visam às reduções das desigualdades, criticam a hegemonia dos saberes historicamente determinados e contribuem, de maneira significativa, com a circulação de referências artísticas e pedagógicas não hegemônicas.

Por isso, efetivamos uma análise cautelosa e meticulosa dos textos publicados nos Anais da ABRACE. Inicialmente, estabelecemos como estratégia metodológica a leitura dos títulos, resumos, palavras-chave e referências bibliográficas. Em seguida, realizamos uma busca sistemática, através da ferramenta de localização do site da ABRACE, por categorias específicas relacionadas à pesquisa, como: “decolonialidade”, “colonialidade”, “descolonização”, “colonização” e suas variações. Vale ressaltar que esses dois últimos termos passaram a ser incluídos no sistema de busca após percebermos a grande ocorrência de seus aparecimentos nas escritas dos artigos, sobretudo nas primeiras edições dos Anais da ABRACE que compõem o nosso recorte.

Analisamos um total de aproximadamente 2.100 arquivos, que foram, cada qual a sua vez, baixados e apreciados. Deste montante, selecionamos 125 trabalhos que interessavam à abrangência da nossa pesquisa. Pudemos observar, previamente, que, entre os anos de 2011 e 2012, as menções ao radical *colon* – prevaleceram em referências ao período histórico conhecido como Brasil-Colônia. Localizamos expressões como “tempos coloniais”, “processo de colonização” e



“colonização europeia no Brasil”. Nesse sentido, identificamos ora textos que fomentavam discussões históricas sobre quais formas teatrais e teatralidades haviam se desenvolvido de maneira institucionalizada no Brasil-Colônia, ora textos que problematizavam – nem sempre de forma aprofundada – os modos por meio dos quais determinadas expressões culturais e artísticas africanas, afro-brasileiras e indígenas haviam resistido à dominação colonial. Em 2011, destacamos nove textos e, em 2012, sublinhamos seis trabalhos que, minimamente, sugerem apontamentos importantes para nossa discussão, sendo “Estudos da Performance” e “Pesquisa em Dança no Brasil: Processos Investigações” os Grupos de Trabalho (GTs) em que mais encontramos destaques.

Os textos selecionados nos volumes 14 e 15, de 2013 e 2014, respectivamente, não se encontram concentrados em GTs específicos. Na verdade, os textos publicados encontram-se distribuídos entre as várias seções temáticas do evento. Entretanto, conseguimos identificar maior proeminência e dedicação sobre a temática acerca da crítica ao colonialismo nos textos publicados no GT “Pesquisa em Dança no Brasil”, em ambos os anos. Nesse biênio, destacamos o total de sete artigos. Cabe ressaltar que os Congressos e as Reuniões Científicas da ABRACE têm ocorrido em diferentes cidades brasileiras e que os congressos têm sido muito mais numerosos do que as reuniões científicas, o que pode ter contribuído para a significativa variação da quantidade de participantes, de publicações e, conseqüentemente, de produções valiosas para a nossa pesquisa na elaboração deste artigo.

De todo modo, pudemos observar que o debate em torno de questões críticas às heranças coloniais no campo das Artes Cênicas passou a ser mais refinado. Nesse biênio, identificamos a utilização de referências bibliográficas articuladas às teorias reconhecidas como pós-coloniais e verificamos nos textos o uso de categorias como “mundo pós-colonial” e “descolonização”. Algumas das pesquisas apontavam para a permanência de práticas coloniais que se mantêm presentes, veladas ou não, em variados contextos e para a necessidade de enfrentamento dos sistemas de supremacia eurocêntrica na formação do conhecimento. Assim, termos como “colonialismo”, “colonialista” e “anticolonialista” passaram a aparecer nos debates críticos e a apontar a relação estreita entre modernidade e dominação.

O volume 16 referente à VIII Reunião Científica da ABRACE, de 2015, não pôde ser consultado, pois não se encontra disponível no portal *PubliOnline* do Instituto de Artes da UNICAMP, sítio eletrônico no qual estão disponíveis os Anais da ABRACE para livre acesso e consulta. Por este



motivo, o volume 16 não integrou a nossa coleta de dados. Por outro lado, pudemos constatar que a edição referente ao IX Congresso da ABRACE, realizada em 2016, foi a publicação com maior número de trabalhos sobre o tema até então. Acreditamos que o tema do evento, intitulado “Poéticas e estéticas descoloniais – artes cênicas em campo expandido”, tenha colaborado para a expansão do debate, ainda que em alguns GTs não tenha havido uma única menção às categorias de nosso interesse. Na verdade, apesar de uma quantidade numerosa de artigos ter se aproximado de categorias como descolonizar e descolonização, verificamos que os textos, em sua grande maioria, não se fundamentavam em perspectivas teóricas críticas ao colonialismo de modo explícito ou objetivo. Os termos que mais aparecem são “pós-colonial”, “descoloniais” e variações como “pós-colonialista”, “descolonizar” e “descolonização”. Há, ainda, certas alusões ao período histórico do colonialismo, o que foi recorrente, na verdade, em todos os Anais que compuseram o nosso recorte.

Na referida edição, algumas seções da publicação trouxeram termos diretamente ligados ao tema, tais como “Dramaturgias expandidas nas estéticas descoloniais”, “Poéticas descoloniais no espaço urbano/público – ocupações, deambulações, intervenções no espaço urbano/público” e “Epistemologias do Sul na pesquisa em artes cênicas e nas práticas da cena contemporânea expandida”. Nessa última seção, extraímos a maior parte dos textos referentes ao recorte da nossa investigação; além disso, pudemos verificar nessa seção a primeira referência à categoria decolonial e suas variações.

Nesse volume, percebemos também um significativo aumento de obras de autoras e autores da América Latina escritas em espanhol nas referências bibliográficas dos artigos selecionados em nosso recorte. Em inúmeros GTs, nos deparamos com artigos que lançam proposições para a descolonização do corpo, da mente, da cultura, do imaginário, do saber e das Artes da Cena – sua produção e seu ensino –, porém, muitas vezes sem referências teóricas explícitas sobre tal debate. Por outro lado, é interessante pontuar que alguns dos artigos selecionados, que abordavam questões vinculadas à situação colonial, debatiam, igualmente, as relações entre as Artes e as epistemologias feministas, afrorreferenciadas, ameríndias e LGBTQIA+, de modo contextualizado. Selecionamos 20 textos do volume em questão.

O impulso produzido pelo IX Congresso (2016) continuou a produzir efeitos e resultados na publicação da IX Reunião Científica da ABRACE, ocorrida em 2017. Termos como “cultura europeia



dominante e colonizadora”, “corpo descolonizado” e “colonização dos saberes” demonstram a recorrência do debate, embora muitas vezes algumas proposições continuem a aparecer de modo pouco aprofundado ou como uma justificativa de adesão ao tema. Alguns artigos, porém, apresentam uma discussão mais aprofundada e significativa acerca do debate decolonial, abordando os impactos da colonização e denunciando o poder e as violências coloniais institucionalizadas no contexto das Artes Cênicas. Identificamos, igualmente, categorias como descolonialidade e descolonização. Seleccionamos oito textos dos Anais da IX Reunião Científica da ABRACE. Percebemos que o debate em torno da decolonialidade se fortalece, mesmo que de modo irregular ou descontínuo, em seções que antes não apareciam, como Artes Cênicas nas Ruas, Circo e Comicidade, Pedagogia das Artes Cênicas, dentre outros.

Nos Anais referentes ao X Congresso da ABRACE, de 2018, 19 trabalhos foram selecionados e a grande maioria esteve concentrada nos GTs “Cartografia de Pesquisas em Processos”, “Estudos da Performance” e “O Afro nas Artes Cênicas: performances afro diaspóricas em uma perspectiva de decolonização” (sendo esse último GT inédito na ABRACE até então). Pudemos identificar que, à medida que o debate avança, ele também se atualiza. O número de referências que tratam da perspectiva teórica acerca da decolonialidade recrudescer. “Resistência decolonial”, “práticas decoloniais” e “criação cênica decolonizada”, além de “giro decolonial”, são nomenclaturas expressivas observadas em nossa análise.

Já na X Reunião Científica, 2019, as discussões em torno da decolonialidade continuaram a aparecer de modo distribuído nos GTs, abordando aspectos sobre a supremacia branca e as relações intrincadas estabelecidas entre colonialidade e modernidade. Alguns textos abordavam experiências formativas a partir da perspectiva decolonial. Foram selecionados no total 15 textos, cuja maior concentração se deu no GT “Mulheres em cena” (sendo esse GT inédito na ABRACE até então).

No ano de 2020, em função da pandemia causada pela covid-19, não houve uma edição presencial do Congresso da ABRACE, mas sim o Seminário Permanente ABRACE On-line, que contou com mesas temáticas organizadas a partir dos GTs por meio da participação de pessoas convidadas. Em 2021, ocorreu o XI Congresso, em formato remoto, com o lançamento de mais uma edição dos Anais. Deste volume, seleccionamos 38 textos (superando a edição de 2016), tendo o GT “O Afro nas Artes Cênicas: performances afro diaspóricas em uma perspectiva de decolonização”



o maior número de artigos selecionados. Notamos um aumento significativo na utilização dos termos “decolonial” e suas variações, além de uma presença mais bem distribuída de textos que abordam a questão, inclusive na seção “Trabalhos de Graduação”, que surgiu na edição de 2021.

O interesse em identificar as autorias responsáveis pelo fortalecimento do debate decolonial nas Artes Cênicas nos levou a elaborar uma segunda análise dos artigos. Dos 125 (cento e vinte e cinco) textos inicialmente selecionados, estabelecemos um recorte sobre aqueles que traziam o debate acerca do paradigma da decolonialidade de modo mais consubstanciado. Destacamos 51 artigos que apresentavam importantes contribuições para o fortalecimento do debate decolonial no campo das Artes da Cena, os quais listamos a seguir juntamente com o nome das autoras e dos autores.

Em 2016, ano que representa o marco do uso do paradigma da decolonialidade em nosso recorte, destacamos como fundamentais os seguintes trabalhos: “Nomadismo e descolonização: uma perspectiva trágica”, de Carmem Gadelha (GT Dramaturgia expandida nas estéticas descoloniais); “(Trans)bordar fronteiras: estética bugresca para descolonizar corpos biogeográficos”, de Marcos Antônio Bessa-Oliveira; “6 minutos: para habitar o corpo-encruzilhada”, de Camila Bastos Bacellar; “Cena latino-americana contemporânea: correspondências entre as teatralidades dissidentes de agora, de outrora e do porvir”, de Paola Lopes Zamariola; “Resistência à colonialidade nas práticas artísticas e pedagógicas dos grupos Yuyachkani e Ói nós aqui traveiz”, de Marta Haas (GT Epistemologias do Sul na pesquisa em Artes Cênicas e na cena contemporânea expandida); e “Formação teatral como resistência às práticas de embranquecimento”, de Edilaine Ricardo Machado (GT Etnocenologia).

Do biênio 2017 e 2018, destacamos respectivamente: “O corpo que TRANSito: reflexões sobre performatividade a partir de memórias de corpos trans”, de Sandro Luis Costa da Silva, Jerônimo Vieira de Lima Silva e Maria Thereza Oliveira Azevedo (GT Fronteiras, Estéticas, Encontros, Micropolíticas); “O corpo-encruzilhada como saber da experiência”, de Jarbas Siqueira Ramos (GT Saberes da Terra e Identidades); “No te pongas flamenca – ou por que ainda temos que brigar?”, de Juliana Kersting (GT Cartografia de Pesquisas em Processo); “Decolonialidade e dramaturgia contemporânea antropofágica no intercâmbio com o Odin Teatret”, de Juliana Capilé Rivera e Maria Thereza Oliveira Azevedo (GT Dramaturgia, Tradição e Contemporaneidade); “Uma sismografia da arte da performance na América Latina”, de Camila Bastos Bacellar”, “Danças em fricções: danças



e desobediências do corpo”, de Denise Mancebo Zenicola (GT Estudos da Performance); “Oea: um mergulho na pedagogia africana”, de Roberta Ferreira Roldão Macauley e “Èmí, Ofò, Asé: a presença cênica e a sutileza performativa das “Mulheres do Asé”” de (O Afro nas Artes Cênicas: performances afro diaspóricas em uma perspectiva de decolonização); e “Dramaturgias a partir de criADORES: desmontagens de percursos criativos”, de Sandro Luis Costa da Silva [Sandro Lucose] (GT Processos de Criação e Expressão Cênicas).

Das publicações referentes à edição de 2019, apontamos os trabalhos: “Impressões sobre a criação de dramaturgias nas artes da cena: relato de experiência”, de Daniela R. M. M. Zuliani (GT Cartografia de Pesquisas em Processo); Corpos transformacionais: transformação corporal e transativismo de direitos humanos no Projeto Trans-formação da Organização das Nações Unidas, de Ian Guimarães Habib e “Máscaras decoloniais: um estudo iniciado”, de Denise Mancebo Zenicola (GT Estudos da Performance); “Poéticas performativas na América Latina: feminismo descolonial, interseccional e antipatriarcal”, de Ana Flávia Felice Nunes e Verônica Fabrini Machado de Almeida, “A atriz pode interpretar qualquer papel?: da representatividade trans* na arte aos estudos da cisgeneridade e ao ‘transfake’ a partir de uma localização cisgênera”, de Edvandar L. S. de Souza [Ed Sombro] e “Esse cara jogou viado no bicho, mas deu vaca!: a recepção performativa das transgeneridades”, de Dodi Leal (GT Mulheres em cena); “Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção”, de Jarbas Siqueira Ramos (GT O Afro nas Artes Cênicas: performances afro diaspóricas em uma perspectiva de decolonização); e “Ensino de teatro e o estímulo à pertença identitária negra”, de Cristiane Barreto (GT Pedagogia das Artes Cênicas).

E, por fim, dentre os trabalhos de 2021: “Corpas-contramnéia: performando o memoricídio Kariri para denunciar a continuidade de um povo”, de Barbara Leite Matias (GT Artes Performativas, Modos de Percepção e Práticas de Si), “Escuta de vozes circenses: mapeamentos sociais e saúde”, de Tábatta Iori Thiago, Neide das Graças de Souza Bortolini e Luciana Crivellari Dulci (GT Circo e Comichade); “Aproximações do conceito de *verfremdungseffekt* em a negra felicidade”, de Danielle Martins de Farias (GT Dramaturgia: Tradição e Contemporaneidade); “Enterrar, soterrar, desterrar: ações de terra para corpos sem chão”, de Sarah Marques Duarte e “Percursos formativos decoloniais em artes da cena no extremo sul da Bahia”, de Eloisa Domenici e Éder Rodrigues (GT Estudos da Performance); “O véu e o vento: um encontro poético entre a dança do ventre e a dança contemporânea no ensino remoto emergencial”, de Andréa Moraes e Mônica Fagundes Dantas; “O inventário no corpo e o encontro com a colonialidade”, de Nara Cálipo, “Corporeidades



ancestrais: transformando e redimensionando a pesquisa em dança – quais os caminhos percorridos por essas encruzilhadas?”, Flávio Campos e Katya Gualter, “Com o pé na estrada: disseminando saberes e diálogos pluriperspectivados”, de Aline dos Santos Teixeira e Tatiana Maria Damasceno, e “O encantamento do corpo no processo BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete)”, de Mariana Jorge e Graziela Rodrigues (GT Grupo de Pesquisadores em Dança); “Influxos artaudianos: mitologia Yorubá e processos decoloniais de criação para as Artes da Cena”, de Adriana Rolin (GT Mito, Imagem e Cena); “Transjardinagem: performance como paisagem radical para arquivo vivo trans”, de Ian Guimarães Habib, e “Memória em disputa – teatro e perspectivas LGBTQIA+”, de Jaoa de Mello (GT Mulheres em cena); “Por uma cena samba na batida do pandeiro e no pinicado da viola”, de Lorena Fonte de Oliveira e Renata de Lima Silva; “Desobediências Poéticas: afrofuturismo, transe, desmontagem e processo criativo em dança”, de Henrique Cesar Hokamura Silva; “Africanidades, amizades e construção de identidade afrodescendente em cenas de poéticas diaspóricas”, de Luciano Mendes de Jesus; “Aqui dançando... ali cantando... acolá batucando... além mar vou CONTANDO: a oralitura na narração de história da tradição afro-alagoana Mané do Rosário”, de Ana Paula da Silva Santos e Victor Hugo Neves de Oliveira; “Dramaturgias negras publicadas no Brasil no século XXI: territórios estéticos, culturais e políticos”, de Elton Bruno Soares de Siqueira; “Abdias Nascimento e a dramaturgia negra em tempos de pandemia: educação antirracista em práticas artísticas pedagógicas tecnoviviais e interinstitucionais (UFPE-UNILAB), de Manoel Gildo Alves Neto e Maria Andrea Soares dos Santos (GT O Afro nas Artes Cênicas: performances afro diaspóricas em uma perspectiva de decolonização); “Índios ou indígenas? Tribos ou povos indígenas? Aprender para inserir a cultura indígena no ensino de teatro nas salas de aula brasileiras”, de Cristiane Barreto e “Alternativas decoloniais: que dança na escola pode ser essa?”, de Larissa Bonfim (GT Pedagogia das Artes Cênicas); “Dramaturgia do ator: processos criativos na Pequena Companhia de Teatro”, de José Cláudio Marconcine e Ricieri Carlini Zorzal (GT Processos de Criação e Expressão Cênica); “Videoperformance falagens: a autoetnografia como propulsora de fluxos criadores”, de Sadiana-Luz Martins Frota e Gisela Reis Biancalana (GT Territórios e Fronteiras da Cena); “As vozes d(n)a criação: decolonizar biografias como dispositivo-processo de uma criação teatral”, de Cassiano Weigert Fraga e “Jongo-funk: decolonialidade e expressões de matrizes africanas no ensino de arte” de Yasmin Coelho de Andrade (GT Fórum de Pesquisas em Processo); e “A constituição de uma cena teatral interiorana, a partir da obra de Alcir Dias”, de Yãossaiê dos Santos Mostachio e Lúcia Regina Vieira Romano e “Dramaturgia negra brasileira – panorama de textos publicados no século XXI”, de Lucas Antonio Bebiano e Elton Bruno Soares de Siqueira (GT Trabalhos de Graduação).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo buscamos estabelecer uma breve reflexão sobre a existência de uma possível expansão do debate decolonial no campo das Artes da Cena no Brasil no período estabelecido entre 2011 e 2021. Além disso, procuramos apresentar de modo objetivo a variação da frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade passou a ser utilizado para elaborar críticas aos efeitos do colonialismo e às opressões sistêmicas no panorama das pesquisas desenvolvidas no campo das Artes da Cena ao longo de uma década. Para tanto, como dito anteriormente, analisamos o conjunto de artigos publicados nos Anais de Congressos e Reuniões Científicas da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), buscando identificar a ocorrência de uma possível expansão do uso do paradigma da decolonialidade nos textos.

Durante nossa investigação, pudemos observar um expressivo recrudescimento das práticas de pesquisa, orientadas pelo paradigma da decolonialidade na área das Artes ao longo do período 2011-2021. Acreditamos que o significativo aumento do número de pesquisas organizadas criticamente por meio da perspectiva decolonial revela um esforço dos pesquisadores e das pesquisadoras do campo das Artes não apenas em problematizar a questão das desigualdades na produção do conhecimento, como também em expressar um modo de se implicarem no fortalecimento de políticas educacionais e investigativas críticas à supremacia dos saberes historicamente determinados e na circulação de referências não hegemônicas na área de Artes.

Interessou-nos, portanto, compartilhar algumas considerações sobre a perspectiva crítica da colonialidade como um conceito-chave para pensarmos as relações entre exploração colonial e modernidade e sobre a atitude decolonial como um projeto combativo às injustiças sociais e cognitivas. Além disso, afirmamos a relevância das pesquisas associadas ao paradigma da decolonialidade como uma forma de pensar-fazer vinculada à valorização de sistemas civilizatórios contra-hegemônicos, o que nos levou a acreditar que a atenção para a agenda decolonial nas pesquisas pode ser apreendida como um ato introdutório de insubordinação acadêmica, o qual pode instaurar, por sua vez, modos criativos de elaborar sínteses e reflexões com o corpo.



Pudemos constatar que o aumento da variação de frequência a partir da qual o paradigma da decolonialidade passou a ser utilizado nos textos produzidos no campo das Artes da Cena não foi constante ou progressivo. Pelo contrário, identificamos um total de 07 trabalhos em 2016, 02 em 2017, 07 em 2018, 08 em 2019 e 27 em 2021, o que nos levou a questionar o motivo desse aumento exponencial no ano de 2021. Pressupomos que o campo da pesquisa em Artes da Cena encontra-se em crise e, por isso, percebemos a importância de as práticas de investigação se voltarem para pressupostos decoloniais e se relacionarem com as experiências de combate às opressões e com as dinâmicas de inclusão e transformação social.

A crise no campo da pesquisa é orientada por paradigmas historicamente constituídos como universais baseados em cosmovisões brancas, patriarcais, normativas, coloniais e nos aponta que um dos maiores desafios para a produção do conhecimento inovador em Artes é a consolidação de um projeto coletivo que se estabeleça por meio de parcerias solidárias, práticas políticas engajadas e operações colaborativas que busquem reduzir as desigualdades sistêmicas. A valorização da perspectiva decolonial nas pesquisas desenvolvidas no panorama das Artes da Cena pode ser considerada, portanto, um dos caminhos vinculados à ruptura dos condicionamentos coloniais, uma espécie de convocação para os pesquisadores e as pesquisadoras das Artes da Cena, um modo de chamar a atenção para urgência de transformarmos a cultura de poder, exploração e dominação que atravessa nossas produções artísticas, intelectuais e nossas experiências vividas.

REFERÊNCIAS

- » BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. Introdução. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.



- » MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze *et al.* (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- » MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 32, n.94, p 1-18. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2022.
- » MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. In: *MASP Afterall – Arte e Descolonização*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2020.
- » MOTA NETO, João Colares da. *Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Curitiba: CRV, 2016.
- » OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. Políticas culturais antirracistas e crise pandêmica: Estratégias de fortalecimento das capacidades criativas de artistas pretos. *Cuadernos De Música, Artes Visuales y Artes Escénicas* 17 (2): 112–123, 2022. Disponível em: https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cma/article/view/oliveiranevesde/neves_de_oliveira. Acesso em: 25 set. 2022.
- » QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- » RUFINO, Luiz. Exu: tudo o que a boca come e tudo o que o corpo dá. In.: TAVARES, Julio Cesar de. (Org.). *Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: peprspectivas etnográficas*. Curitiba. Appris, 2020.